

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA:**  
**GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL**

JÉSSICA CAROLINI DE SOUZA ROSA

LIDANDO COM A FINITUDE: **os atravessamentos da consciência da morte**

BELO HORIZONTE

2021

Jéssica Carolini de Souza Rosa

**LIDANDO COM A FINITUDE: os atravessamentos da consciência da morte**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dra. Tereza Cristina Peixoto

Área de concentração: Psicologia Clínica - Gestalt-terapia e Análise Existencial

BELO HORIZONTE

2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação  
LIDANDO COM A FINITUDE: OS ATRAVESSAMENTOS DA CONSCIÊNCIA DA MORTE  
**JESSICA CAROLINI DE SOUZA ROSA**

monografia defendida e aprovada, no dia **dezesseis de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Tereza Cristina Peixoto - Orientadora  
FAFICH/UFMG

José Paulo Giovanetti  
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 22 de novembro de 2023.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso  
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 22/11/2023, às 16:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2831031** e o código CRC **0C3C8C81**.

*Observar a morte em paz de um ser humano faz-nos lembrar duma estrela cadente. É uma entre milhões de luzes do céu imenso, que cintila ainda por um breve momento para desaparecer para sempre na noite sem fim. Ser terapeuta de um paciente que agoniza é nos conscientizar da singularidade de cada indivíduo neste oceano imenso da humanidade. É uma tomada de consciência da nossa finitude, do nosso período limitado de vida. Poucos dentre nós vivem além dos setenta anos; ainda assim, neste curto espaço de tempo, muitos dentre nós criam e vivem uma biografia única, e nós mesmos tecemos a trama da história humana.*

Elisabeth Kübler-Ross, 1985.

## RESUMO

A morte é o processo irreversível de interrupção das atividades biológicas fundamentais para a definição e manutenção da vida em um sistema classificado como vivo. Falar sobre a morte tende a ser um assunto que desperta angústia e medo, uma vez que proporciona a consciência da finitude. O objetivo deste estudo é apresentar, a partir de uma revisão de literatura, o significado da morte para as civilizações ao longo do tempo, tal qual a maneira como os indivíduos reagem às questões ligadas não somente à própria finitude, mas também a de entes queridos. Apresentar-se-á a importância da consciência da finitude para a forma de vida e organização das sociedades, bem como quais são os sentimentos e reações a esta reflexão. Passar-se-á, por fim, para a apresentação das principais atitudes frente à morte por parte dos atores envolvidos, assim como a apresentação do que o medo da morte pode representar para o avanço das relações humanas, e o que seus impactos podem causar na forma de viver das pessoas.

**Palavras-chave:** Consciência; Existencialismo; Finitude.

## **ABSTRACT**

Death is the irreversible process of interruption of biological activities fundamental to the definition and maintenance of life in a system classified as alive. Talking about death tends to be a subject that arouses anguish and fear, as it provides awareness of finitude. The aim of this study is to present, from a literature review, the meaning of death for civilizations over time, as well as the way in which individuals react to issues related not only to their own finitude, but also to those of loved ones . The importance of awareness of finitude for the way of life and organization of societies will be presented, as well as the feelings and reactions to this reflection. Finally, the main attitudes towards death by the actors involved will be presented, as well as the presentation of what the fear of death can represent for the advancement of human relationships, and what its impacts can cause in people's way of life.

**Keywords:** Consciousness; Existentialism; Finitude.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	6
<b>2 METODOLOGIA</b> .....	8
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	9
<b>3.1 Vida versus morte: o lidar com a morte ao longo da história</b> .....	9
<b>3.2 Consciência da finitude: a importância de pensar sobre a morte</b> .....	11
<b>3.3 A finitude na trajetória da vida: o existencialismo de Sartre</b> .....	12
<b>3.4 Desafios para enfrentar a finitude</b> .....	15
<b>4 CRONOGRAMA</b> .....	21
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	22
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	23

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata dos atravessamentos da consciência humana em relação à morte, um assunto que desperta angústia e medo, uma vez que proporciona uma reflexão acerca da finitude. A partir de uma revisão de literatura que abrange os autores Sartre (1978), Dantas (2010), Schneider (2011 e 2019), dentre outros, esta pesquisa irá realizar uma análise sobre o tema, buscando explicitar o significado da morte para as civilizações ao longo do tempo, tal qual a maneira como os indivíduos reagem às questões ligadas não somente à própria finitude, mas também a de entes queridos.

Dessa forma, o objetivo geral deste trabalho é entender o lugar da finitude no contexto da vida. Assim, para alcançar esse objetivo, pretende-se, especificamente, apresentar a importância da consciência da finitude para a forma de vida e organização das sociedades, bem como apontar quais são os sentimentos e reações a esta reflexão. Além disso, visa-se pontuar as principais atitudes frente à morte por parte dos atores envolvidos, assim como esclarecer sobre o que o medo da morte pode representar para o avanço das relações humanas, explanando sobre o que seus impactos podem causar na forma de viver das pessoas.

Dito isso, é relevante ressaltar que a realização desta pesquisa é de suma importância, tanto para o meio acadêmico, quanto para o meio social, para que seja possível compreender alguns aspectos psicológicos envolvendo a morte, uma vez que ela é inerente à vida e atravessa a todos, independentemente de idade, de condições socioeconômicas, de crença etc. Ademais, foi a morte de um ente querido da autora que instigou a elaboração deste trabalho, como forma de conhecer melhor sobre o assunto para superar a perda.

Portanto, esta pesquisa, a qual é um aprimoramento de estudos iniciais realizados pela autora enquanto estava cursando a graduação em Psicologia, organiza-se da seguinte maneira. O primeiro capítulo aborda a vida *versus* a morte, pontuando as diversas maneiras de lidar com a morte ao longo da história, segundo os estudos de Ariés, o qual é citado por Dantas (2010), autor que norteia grande parte deste estudo. O capítulo seguinte trata sobre a consciência da finitude, ressaltando sua importância para compreender a morte no contexto da vida. Conseqüentemente, o terceiro capítulo abrange, propriamente, o lugar da finitude na trajetória da vida,



explicitando os ensinamentos do existencialismo, sobretudo o de Sartre (1978), retomando, ao fim, a necessidade de se aceitar a morte, apesar dos desafios vivenciados pelas pessoas. Finalmente, o último capítulo, versa sobre as barreiras enfrentadas pelos indivíduos para lidar com a finitude, tratando da mudança repentina de comportamento devido à morte, da “necessidade” de se estabelecer um projeto de vida, da tentativa de encontrar sentido para a morte própria e a alheia, além do papel da sociedade contemporânea como agente que dificulta a compreensão da morte.

## 2 METODOLOGIA

Esta pesquisa classifica-se quanto à abordagem do problema, como qualitativa; quanto aos objetivos, como exploratória e, quanto à natureza, como básica documental. Dessa forma, devido seu método exploratório, a pesquisa se baseia em estudos científicos existentes, ou seja, uma revisão de literatura sobre os atravessamentos da consciência humana sobre a morte, encaixando-se como pesquisa bibliográfica, uma vez que foram utilizados artigos científicos e livros de autores das áreas de Psicologia, Filosofia e Medicina.

É importante destacar que a seleção do corpus de análise deu-se da seguinte maneira: primeiro, delimitou-se o corpus de análise em estudos que abordassem a maneira como os indivíduos lidaram e lidam com a finitude; segundo, devido à pandemia, a qual impossibilitou estudos de campo em clínicas, realizou-se uma pesquisa em plataformas de publicações científicas para que fosse possível selecionar artigos que pudessem compor o referencial teórico; terceiro, a pesquisa foi refinada para encontrar as palavras-chave “morte”, “finitude” e “consciência” nos estudos; posteriormente, a partir dessa busca, foi possível encontrar o material teórico que compõe o presente estudo, realizar sua leitura e organizar fichamentos; por último, foram selecionados trechos para citações diretas e indiretas, pois, somente a partir de estudos previamente realizados, o corpus poderia ser analisado e a questão principal levantada poderia ser respondida.

Finalmente, após essa etapa, foram definidos os procedimentos teórico-metodológicos para investigar a questão-problema deste estudo, os quais incluem, respectivamente: a) realizar um breve apanhado histórico sobre os modos como a morte foi tratada ao longo da história; b) explanar teorias desenvolvidas pelos autores pertencentes ao referencial teórico desta pesquisa sobre a importância do desenvolvimento de consciência quanto à finitude; c) analisar em qual ponto está o fim da vida na trajetória humana a partir do existencialismo de Sartre; d) pontuar os desafios que impedem a plena consciência humana sobre a morte; e) concluir a análise de corpus satisfazendo a questão principal levantada, além do alcance dos objetivos específicos.

### 3 REFERENCIAL TEÓRICO

#### 3.1 Vida versus morte: o lidar com a morte ao longo da história

Vida e morte são os limites da existência humana, os quais são indissociáveis, uma vez que é preciso estar vivo para morrer e, conseqüentemente, só morre quem esteve vivo um dia. A presença desses dois extremos sempre fez parte do cotidiano da humanidade, entretanto, refletir sobre eles, sobretudo sobre a morte, não é uma tarefa fácil, já que a consciência da finitude pode trazer angústia e medo para os atores envolvidos, ou seja, o indivíduo que morre e os entes que permanecem vivos, os quais também morrerão um dia.

A partir da análise de elementos históricos é possível perceber que, ao longo do tempo, o contato com a morte foi se modificando (REZENDE; GOMES; MACHADO, 2014). Conforme pontuado por Dantas (2010), a morte é uma certeza e a maneira como reagimos a ela oscila. Nesse sentido, o autor ressaltou contribuições de Philippe Ariés, que elucidou brevemente sobre as diferentes formas com que as civilizações lidaram com a morte ao longo da história.

Durante Idade Média predominou a morte domada, neste sentido:

[...] Pode ser caracterizado pela aceitação e pela familiaridade com a morte. Havia uma publicidade no morrer que apontava que a morte não era simplesmente uma questão pessoal ou familiar. A morte afetava o núcleo social que perdia um de seus integrantes. Vivos, mortos e doentes conviviam nos mesmos espaços, sobretudo, o espaço dos mortos – o cemitério – era um cenário central da vida social [...]. (ARIÉS apud DANTAS, 2010, p. 905).

Assim, a morte era domada porque havia a sensação de permanência do morto na sociedade caracterizada pelo aparente convívio, mesmo que este não fosse físico propriamente, e sim por proximidade de “moradia”. A partir do século XV, o autor destaca a prevalência de um novo modo de encarar o desafio da morte, conhecido como modo *minha morte*, em que:

[...] há um deslocamento de um sentido coletivo da morte para uma compreensão da morte como algo individual. Morrer não necessariamente significava mais afetar todo o grupo e justamente neste contexto surgiu o indivíduo caracterizado por seus pensamentos mais íntimos, suas paixões e seus pecados [...]. (ARIÉS apud DANTAS, 2010, p. 905).

Nota-se que há um deslocamento de sentimento, porque o ser humano passa a pensar na sua própria finitude em detrimento do fato de que se possa continuar convivendo após a morte. Nesse viés, mesmo que a sociedade possa conviver com esta perda de modo natural, pela proximidade do local em que o morto está “repousando”, o próprio indivíduo passa a perceber que a própria finitude finaliza um ciclo de convivência e realizações (DANTAS, 2010).

Com o passar do tempo, a percepção frente à morte passou a ser definida pelo modo *morte distante e próxima*, este esteve presente desde o século XVI, entretanto se sobressaiu a partir do século XVIII. Nesse modo, a morte passa a ser percebida como um evento distante e próximo, no qual não há que pensar nas questões de morte apenas no final da vida, mas ao longo dela, sendo assim:

A morte passa a não ser mais um centro de preocupações. A absolvição não é fundamental, por passarem a defender que o verdadeiro cristão está sempre se preparando para a morte. O relevante neste momento é a sua obra em vida e não mais os seus arrependimentos na hora da morte. A familiaridade com a morte gradativamente vai dando lugar à valorização da razão e o nascimento da ciência como aqueles que têm algo a dizer sobre a morte [...]. (ARIÉS apud DANTAS, 2010, p. 905).

De acordo com Dantas (2010), de maneira mais evidente, o medo da morte foi percebido, aproximadamente, no século XIX, pois nesse período ocorreram avanços tecnológicos e a morte era recebida como algo inesperado. Ainda na perspectiva desse autor, quanto aos dias atuais, acredita-se que “perdemos nossa capacidade de nos solidarizar. A morte é aceita, contanto que esteja distante e não nos atinja. Algo como um show ou espetáculo que não queremos acreditar ser real” (DANTAS, 2010, p. 906).

Philippe Ariés, citado por Dantas (2010, p. 899), observou em sua análise que “[...] a relação com a morte deixou de ser familiar para se transformar em uma experiência, por vezes, traumática”. Nesse sentido, “[...] a partir da modernidade, as reações à constatação da morte revelam grande dificuldade de aceitação, seja através de um profundo sofrimento ou por tentativas de escape buscando-se afastar a ameaça de aniquilamento que a morte traz” (ARIÉS apud DANTAS, 2010, p.899).

De maneira menos receptiva, na cultura contemporânea, a morte é responsável por eliciar medo, de modo que a sociedade evita considerá-la, bem como

compreendê-la, fazendo com que as pessoas busquem se esquivar do contato com essa fase (BARBOSA; FRANCISCO; EFKEN, 2008).

Dentro no consultório, percebe-se a questão da morte e seus atravessamentos como algo marcante, assim, levando isso em consideração, faz-se presente a necessidade de o terapeuta estar preparado para as questões acerca da finitude e como elas são colocadas pelo cliente dentro do processo terapêutico.

### **3.2 Consciência da finitude: a importância de pensar sobre a morte**

Por definição, finitude significa qualidade, propriedade ou condição do que é finito. Os autores Barbosa, Francisco e Efken (2008) pontuam que refletir sobre a finitude humana é algo desafiador, uma vez que a morte ou a perda, mesmo consideradas como condições inevitáveis aos seres vivos, é sempre algo delicado.

Talvez o que mais angustie e traga medo ao ser humano, ao pensar em finitude, esteja relacionado às incertezas sobre em qual circunstância ocorrerá e quais consequências a morte trará. Essas incertezas, associadas ao fim de todas as conquistas adquiridas ao longo da vida e à indefinição sobre o que realmente vai acontecer, são responsáveis por despertar nos indivíduos diferentes perspectivas em torno desse fato (CORREA; HASHIMOTO, 2012).

Apesar da indicação de que a morte é uma condição que limita o homem com relação ao seu controle da natureza, os indivíduos não deveriam resistir à própria condição. O medo da morte e o sentimento de inconformidade existem, entretanto, é válido admitir e aceitar a angústia causada pela incerteza das questões decorrentes dela (BARBOSA; FRANCISCO; EFKEN, 2008).

Independente das incertezas, Dantas (2010, p. 901) entende que “pensar a morte, portanto, nos parece ser pensar a própria existência humana, essa nossa condição irremediável de estarmos lançados em um futuro que desconhecemos e que tem como fator limitador a experiência da morte”.

Dessa forma, Dantas (2010) pontua que as particularidades presentes na relação dos indivíduos com a finitude determinarão os modos de ser na sociedade contemporânea e o tipo de vida que as pessoas vão levar. Assim, o fim da vida é carregado de atributos e significados que influenciam o modo com que o sujeito

interpreta o contato epistêmico característico e direciona suas ações (GIACOMIN; SANTOS; FIRMO, 2013).

Sendo assim, é necessário entender que o pensar sobre a finitude não acelera e nem retarda o fim da vida de um indivíduo, mas passa a ser parte do processo da experiência humana que, segundo o filósofo existencialista alemão Martin Heidegger (apud SCHRAMM, 2002), faz com que a sociedade perceba as questões da finitude e, conseqüentemente, a relação entre o viver e o morrer passa a ser considerada como parte do processo de ser lançado no mundo, chamado de *ser-aí* — segundo o Dasein, de Heidegger —, o que está preparando o indivíduo, de maneira consciente, para se tornar um *ser-para-a-morte*.

[...] antes de buscar compreender o sentido do mundo e das coisas, o homem deve se preocupar em conhecer o sentido dele mesmo, do homem que busca o conhecimento. Para Heidegger, “elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – o que questiona em seu ser”. Por isso, a proposição do sentido do ser volta-se para o homem, uma vez que é ele quem procura tal sentido e deve, antes de mais nada, refletir sobre si mesmo, conduta que lhe é própria e que o diferencia dos outros entes (COLÉGIO PRÁXIS, p. 4).

Portanto, refletir sobre a morte é ponderar a própria existência humana e seu caráter finito, que proporciona novas perspectivas na maneira de sentir, pensar e agir. Essa reflexão também é definida por Dantas (2010, p. 901) como “uma poderosa experiência de sofrimento que pode ser ressignificada ou traduzida em possibilidades mais singulares de existência”.

### **3.3 A finitude na trajetória da vida: o existencialismo de Sartre**

Independentemente de toda a consciência da finitude demonstrada até este ponto, a morte ainda é vista como um mistério, algo inaceitável ou um assunto evitado. De qualquer forma, porém, apesar de aceitarmos ou não, é uma realidade implacável. Ainda assim, mesmo que inevitável, o modo com que as pessoas encaram a morte é dissemelhante. Os autores Barbosa, Francisco e Efken (2008) mencionam que nascer e morrer impõe limites à existência humana, e que estes são fatos comuns que ocorrem frequentemente, entretanto, quando irrompem, principalmente o segundo assunto posto em questão, causam espanto e surpresa.

De acordo com Barbosa, Francisco e Efken (2008), é contraditório que indivíduos enquanto seres finitos resistam à circunstância da finitude, bem como é possível que esse efeito de resistir aconteça pelo medo e algumas questões atreladas à morte que, apesar de certa, estabelece limites que retiram do homem qualquer possibilidade de controle da natureza. Essa incerteza desperta reflexões que levam as pessoas a pensar sobre a maneira como estão levando a vida e a avaliar a necessidade de mudança.

Dantas (2010, p. 901) acredita que “apesar de seu caráter limitador, o nada imposto pela morte possibilita, ao mesmo tempo, abertura para a compreensão de novas possibilidades de sentido e diferentes formas de pensar e agir”. As pessoas percebem o morrer mais do que um evento observado em todos os seres vivos. Perder a vida abrange uma dimensão simbólica, que revela princípios morais e atribuições de sentido (COMBINATO; QUEIROZ, 2006).

Os existencialistas, tanto Heidegger quanto Sartre, consideram o homem um ser livre para fazer de si o que quiser, pois, ao contrário dos outros seres, ele é consciente, é capaz de refletir sobre sua existência, e tal consciência converte-se em total liberdade. Mesmo tendo nascido sem um sentido predefinido, sendo um ser-aí colocado no mundo em determinada situação com tempo, local, família e convivência não escolhidos por ele, o homem é um ser de possibilidades, podendo se definir de acordo com as suas escolhas (COLÉGIO PRÁXIS, p. 4).

Nesse sentido, de acordo com Sartre (1978a), a morte representa a ausência de possibilidades de produzir um projeto de ser que configura o *vir-a-ser*. O existencialismo percebe a morte como um fenômeno que recolhe a liberdade constitutiva do ser dos indivíduos. Se a morte recolhe a liberdade de decisão dos indivíduos quanto ao seu fim e se, conforme Langaro e Schneider (2019), a liberdade define o ser do sujeito, chega-se à conclusão de que a morte é uma supressão da liberdade que é o próprio ser do homem. Com isso, a sensação de perder a vida é a mesma de perder a liberdade. Nem que seja a liberdade de decidir como e quando será o próprio tempo entre o nascer e o morrer.

Essa questão de escolha é refletida nas atitudes e preferências do ser humano, estas estão relacionadas ao querer ser, isto é, a um projeto. “Suas escolhas cotidianas relacionam-se a uma escolha fundamental que os levam a um projeto de ser fundamental, caracterizado pela totalização de ações em curso que é o homem” (LANGARO; SCHNEIDER, 2019, p. 281). Essa liberdade é decorrente da qualidade do homem enquanto *ser-no-mundo*, por sua vez, este é composto de sua constituição

física e consciência, o que o possibilita relacionar-se com o mundo e, a partir dessa relação, conseguir estampar sua existência (SARTRE, 1978a).

A liberdade, no existencialismo sartreano, é diferente da ideia de liberdade entendida como simples livre arbítrio ou como a capacidade de escolher coisas de forma descompromissada. Para Sartre, o conceito de liberdade traz consigo a responsabilidade incondicional pela própria vida e pelos erros e insucessos que possam ser decorrentes das escolhas feitas pelo homem. Nesse sentido, no existencialismo de Sartre, o conceito de liberdade refere-se a uma liberdade responsável, que não pode ser confundida com simples libertinagem, uma vez que a liberdade humana está situada na realidade e, por isso, é condicionada ao contexto histórico e limitada pelas regras da sociedade às quais todos devem se submeter. Por essa razão, a liberdade humana não é infinita. Sartre, em sua obra *O ser e o nada* (2005, p. 641), afirmou que “[...] eu sou responsável por tudo, salvo por minha própria responsabilidade, porque eu não sou o fundamento de meu ser”. (COLÉGIO PRÁXIS, p. 9-10).

Desse modo, Barbosa, Francisco e Efken (2008) enfatizam que as escolhas, por parte dos seres humanos, em relação ao modo de ser e as reflexões sobre o sentido da vida, valorizam a felicidade, a necessidade de satisfação e a cessação de seja qual for o sofrimento. Assim, as várias exigências sociais em que os indivíduos se engajam faz com que eles procurem algo leve.

Em contraste com o desejo de procurar o viver leve para evitar o sofrimento, percebe-se, na verdade, um modo de viver com intensa preocupação em relação ao inevitável e às variadas formas de ser atingido. Associado, ainda, à falta de liberdade de escolha frente ao não morrer. Tudo isso, ao invés de gerar uma vida leve, tem gerado um modo de viver adoecido e frustrante. Bauman, citado por Barbosa, Francisco e Efken (2008), traz a ideia de que se vive em uma sociedade aberta, o que conseqüentemente torna-se submetida aos golpes do destino, em que a periculosidade do presente e o futuro incerto fomentam o medo e enfatizam que o indivíduo, de certa forma, não possui controle total de sua vida.

Ao observar que a lógica seria buscar uma vida leve, mas que a realidade é de uma vida preocupada e ansiosa, Guimarães e Carneiro (2012) acreditam que as religiões interferem na noção e no modo de encarar a morte. Isso porque, se a representação da morte tem influência sobre o comportamento das pessoas e em como elas percebem as questões relacionadas à finitude, as religiões e crenças assumem uma função importante ao dar uma esperança de continuidade. Dantas (2010) acredita que ao ter uma figura para se apegar e sentir-se distante do possível fim, existe uma forma de defesa da morte, assim, a crença em um poder divino



possivelmente traz conforto para as características da existência que, para algumas pessoas, podem ser angustiantes.

Semelhante ao aspecto religioso de pensar numa pós-vida, porém com o intuito de ser lembrado após a morte, o conceito de viver com um sentido ou deixar um legado tem permeado o pensamento e a ação do ser humano no que se refere a perpetuidade apesar da finitude. Essa ação pode ser entendida, ainda, como uma tentativa de defender-se da morte e impactar todos os aspectos e decisões da vida de um ser humano. Procura-se um significado para a vida e razões que justifiquem o existir, especialmente em momentos difíceis de encarar, como, por exemplo, a perda de um ente querido ou a possibilidade da própria morte, fazendo com que esse fato contribua para que a todo instante modifique-se a guisa de viver (BARBOSA; FRANCISCO, EFKEN, 2018).

Em torno desse pensamento, para se viver com qualidade, é necessário estar pronto para o fim, visto que a morte atenta os indivíduos ao que realmente é importante, torna lúcido o que precisa ser valorizado, dando uma nova perspectiva ao modo de ser, valorizando a vida, as possibilidades e as relações (BARBOSA; FRANCISCO, EFKEN, 2018). Portanto, apesar de fundamental, tomar consciência da finitude não é uma tarefa fácil, sobretudo quando existem desafios tanto na esfera individual quanto na esfera social, os quais serão abordados a seguir.

### **3.4 Desafios para enfrentar a finitude**

A partir do pressuposto de que a sociedade moderna tem buscado viver uma vida com sentido, Becker (1976) pontua que o homem cria significados que o afasta pouco a pouco da sua realidade enquanto espécie. O medo da morte pode ser considerado um grande incentivo à atividade humana, que é voltada a evitar o curso inevitável da finitude, recusando-se a aceitar que ela é o destino de todos.

Nesse sentido, nota-se que, devido ao medo da morte, os seres humanos criam e inserem-se dentro de um sistema automático e acrítico que, incorporado no sistema de símbolos culturais, faz com que os indivíduos vão adquirindo a sensação de bem-estar. A partir disso, o sentido individual do eu e da moralidade, bem como o da natureza que, de maneira reflexiva, são transmitidos pelo ambiente humano, tornam-

se inatos e englobam tudo ao redor da vida do indivíduo. Assim, aliam-se ao desejo humano de deixar um legado e impulsionam o indivíduo a ir além para transcender seu fim a partir de símbolos e sistemas de crenças tradicionalmente constituídos (BECKER, 1976).

Por sua vez, a cultura, enquanto um sistema de heróis, é sempre um sistema mítico que fomenta a criação de sentido para as pessoas. A sociedade pode ser considerada como uma estrutura que engloba papéis, costumes, regras e comportamentos destinados a servir como veículos do heroísmo. Becker (1976, p. 23) em suas palavras diz que “cada roteiro é único e singular, já que cada cultura tem um sistema de heroísmo diferente. O que os antropólogos chamam de relatividade do sistema de heróis em todo mundo”.

Se, no sentido individual, o medo da morte parece ser domado por essa sensação de continuidade causada, ora pela religiosidade, ora pelo desejo de deixar um legado, a possibilidade de rompimento de vínculos, através da perda de entes queridos desperta, nas pessoas, sentimentos de incomodidade e coloca em evidência todo o seu sistema de valores. Esses abalos são o suficiente para que alguns busquem um modo diferente de viver sua existência, surgindo diferentes atitudes frente à morte (BARBOSA; FRANCISCO, EFKEN, 2018).

Se já há, por parte indivíduo, um sentimento de impotência individual frente à morte, alia-se a esse fato o pensamento de rompimento de vínculos através da morte de entes queridos. Esses medos passam a ser fonte de ansiedade existencial, que é responsável pela busca de sentido e urgência de ações, considerando que a vida é única e irreversível. Os valores, especialmente os vivenciais, como, por exemplo, Deus, família e pessoas, são responsáveis, em grande parte, por fornecer sentido para a vida, em que se percebe que o homem busca realizá-los e, com isso, ter a sensação de estar vivendo uma vida autêntica. Ainda sobre os valores vivenciais, deduz-se que através da existência adquire-se sentido, mas outra questão a ser considerada é a de que esses valores podem não ser alcançados e realizados da maneira almejada, pela possibilidade de serem interrompidos pela morte (AQUINO et al., 2014).

De qualquer forma, o fato é que, de acordo com Ferry, citado por Barbosa, Francisco e Efken (2008), as pessoas levam a vida estabelecendo metas e objetivos a serem atingidos, isto é, existem no mundo como forma de projeto de vida, que pode ser percebido como uma maneira subjetiva de existir e agir no mundo, na tentativa de

gerir o próprio destino e encontrar-se livre na respectiva autonomia. Resultante do projeto de vida, emergem responsabilidades que uniformizam e correlacionam as experiências das pessoas, unindo tanto as referências histórico-sociais quanto as questões pessoais, caminhando para a estruturação de um futuro pessoal, ou seja, um modo de ser que engloba todas as esferas da vida.

Retomando o existencialismo abordado no tópico anterior, a necessidade do homem em estabelecer metas e objetivos pode ser entendida dentro da perspectiva de Sartre (1978b, p.12), que afirma que “o homem primeiramente existe, se descobre, surge no mundo; e só depois se define. [...] O homem não é mais do que ele faz”. As coisas externas ao homem só vão existir quando “eu” sou significado para as coisas. Como dito, o existencialismo percebe o existir humano como possibilidade de *ser-no-mundo*. O homem é livre para realizar suas escolhas e deve responder por suas ações, estruturando o seu “eu” através destas, isto é, acontece a definição de quem é o homem e o significado do ser em relação ao mundo (LANGARO; SCHNEIDER, 2019).

Se por um lado, o fato de estabelecer metas e objetivos parece ser inerente ao próprio ser do homem, esse fato também sugere uma vivência subjetiva do presente. De acordo com Langaro e Schneider (2019), o funcionamento humano está sempre direcionado ao porvindouro, para o que o sujeito ainda não é. Mais uma vez, Sartre (1978b, p.12) corrobora esse pensamento afirmando que “[...] o homem, antes de mais nada, é aquele que se lança no futuro, e o que é consciente de se projetar no futuro. O homem é antes de mais nada, um projeto que se vive subjetivamente [...]”.

Ainda segundo Langaro e Schneider (2019), esse projeto é caracterizado por um “desejo de ser”, sendo que tais desejos direcionam a maneira como o homem estabelece suas relações com a exterioridade. Assim, a busca do sujeito em realizar plenamente o seu ser, que é uma das características do projeto de ser, faz com que, segundo Schneider (2011), não existam pessoas sem projetos, uma vez que não ter projeto é ainda ter um projeto, considerando que em cada modo de ser da pessoa está presente uma significação que o transcende.

Apesar de parecer uma armadilha, o fato de o homem “necessitar” de um projeto, por outro lado, o faz viver uma vida subjetiva no presente ao querer gerar uma sensação de posterioridade a partir de um legado a ser deixado. Dessa forma, o homem, enquanto um projeto em construção, como visto de acordo com Sartre (1978),

é condenado a ser livre, sendo responsável por aquilo que ele próprio faz e, conseqüentemente, responsável pela sua existência.

Ademais, Langaro e Schneider (2019) acreditam que o homem pode e faz suas escolhas em virtude de um projeto. Sendo assim, tais escolhas podem ser a partir de uma consciência espontânea, que está atrelada ao “dever ser”, a qual leva ao seu real “desejo de ser”, que é a consciência reflexiva crítica. Portanto, segundo os autores, “o projeto nada mais é do que o desejo de ser certo tipo de pessoa, com características e qualidades específicas que estabelecem determinadas relações sociais” (LANGARO; SCHNEIDER, 2019, p. 283).

Ainda assim, torna-se preciso mencionar que Becker (1976) se preocupa com o fato de que mesmo de maneira inconsciente os indivíduos são fiéis aos sistemas de significação simbólica que as sociedades e culturas desenvolveram, uma vez que estes passam para o indivíduo segurança, validando para prosseguirem com as formas de poder e autoridade apresentados pelos grupos sociais em que estão inseridos ao longo do processo de socialização, o que acaba travando uma batalha para proteger os modelos internalizados de poder, trazidos ao longo da vida, os quais as pessoas passam a depender. Ou seja, todos os projetos e ações de vida dos indivíduos serão moldados ou direcionados pelo sistema de significação simbólica nos quais estes estiverem atualmente e/ou culturalmente inseridos.

Independentemente da forma, que pode limitar a ação dos indivíduos na criação de seu próprio projeto de vida, Correa e Hashimoto (2012) indicam que a indubitabilidade da morte desperta medo nas pessoas, e esse sentimento desperta nelas a obrigação de viver, de criar, de relacionar-se, de procriar e de construir valores que as incentivam a ir além, a transcender.

É certo o fato de que vai acabar um dia e, por isso, na tentativa de modificar a maneira como se relaciona com esse fato, algumas pessoas mudam o modo como direcionam suas ações no mundo. Portanto, a noção de finitude proporciona sentido à vida e às ações humanas, e a maneira como as pessoas encaram a morte é produto da forma como se direcionam os valores, os papéis sociais, as regras, os medos e os sonhos (GUIMARÃES; CARNEIRO, 2012).

Além disso, a forma imposta vai se modificando e sendo adaptada a partir de uma construção social que ocorre de modo gradativo. Sendo assim, a maneira como a finitude é vista é repleta de personificação. Costa, Garcia e Goldim (2017, p.550) acreditam que a visão de morte vai passo a passo, “impregnando-se de valores e

significados que dependem do contexto histórico, cultural, econômico, político e ambiental no qual o sujeito está inserido, exercendo fortes influências em diferentes gerações”. Nesse viés, novamente, as noções em torno da finitude são extremamente importantes para entender a respeito das representações sociais.

Segundo Santa'na (2009), as representações sociais são resultantes da interação social e pertencem a um determinado grupo de pessoas, como, por exemplo, a família. Barbosa et al. (2017) acreditam que as relações familiares são essenciais no decurso “maturacional” dos sujeitos, pois, nesse grupo, a característica pessoal da autonomia se desenvolve. Por sua vez, de acordo com a visão de Noon, citado por Barbosa et al. (2017, p.24), a autonomia é interpretada como a “habilidade de dar direção à sua própria vida, definir objetivos, sentir-se competente e ter condições de regular suas próprias ações”. Assim, essa habilidade vai progredindo mediante uma relação saudável com figuras de referência.

Ainda em relação às interações sociais como fontes e responsáveis por uma nova construção de símbolos sociais que auxiliarão na forma com a qual a sociedade irá moldar as ações dos indivíduos frente às questões de finitude, Gutierrez, Mascarenhas e Silva (2013), afirmam que, com o intuito de se tornarem mais humanas, as pessoas necessitam das interações sociais, considerando a condição e o contexto histórico que representam, bem como o meio em que vivem.

Diante da possibilidade real da morte, o sujeito, em termos psicológicos, poderá, portanto, sentir a necessidade de dar sentido a sua vida e à sua morte. Para tanto, na relação com sua dimensão antropológica, irá lançar mão dos sentidos ou significados, compartilhados social, cultural e historicamente e se organizar psiquicamente a partir deles. (LANGARO; SCHNEIDER, 2019, p. 285)

Nesse sentido, Costa, Garcia e Goldim (2017, p. 550) afirmam que “suas atitudes diante do morrer e da morte estarão de acordo com sua compreensão”, o que nos leva a crer que, realmente, os estilos parentais podem influenciar esse processo de entendimento sobre a morte, bem como sua postura diante dessa certeza, assim como o medo da morte que está presente no dia a dia de algumas pessoas pode interferir na sua consciência, na maneira como aproveitou as possibilidades de sua vida e na forma com que lida com a presença de aspectos corrompíveis da felicidade, como “a nostalgia e a culpa, o arrependimento e o remorso” (BARBOSA; FRANCISCO; EFKEN, 2008, p. 33).

A estrutura social serve, então, como arcabouço para desenvolver os parâmetros nos quais as pessoas configuram sua singularidade (LANGARO; SCHNEIDER, 2019). Ainda de acordo com Schneider (2011), por intermédio da reflexão, o indivíduo organiza o seu modo de ser, e essa compreensibilidade é construída pelo ajustamento que o sujeito faz dos princípios morais, dos conhecimentos e das ideais sociais que são disseminados pelas pessoas de seu convívio.

Toda a construção desemboca no fato de que o sujeito passa a pensar em sociedade e suas ações refletem, também, o que acontece em sociedade. Isso porque, consoante Langaro e Schneider (2019), os indivíduos tornam-se instrumento para realizarem uns aos outros, e isso implica na constante e inevitável presença do outro que influencia o projeto de ser, na medida em que “o fato da existência do outro é [...] incontestável e atinge em seu âmago, na justa medida em que o outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo” (SCHNEIDER, 2011, p. 147).

Finalmente, Schneider (2011, p. 153) coloca também que “a realidade humana é costurada, portanto por laços de reciprocidade, onde cada um é o meio do outro realizar o seu projeto, cada um depende do outro para ser quem quer ser”. Portanto, a morte, então, tem o poder de interferir nesse processo de estruturação do “eu”, visto que cada sujeito é coautor do projeto de ser do outro.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do estudo realizado neste trabalho, notou-se que a recepção da morte por parte dos indivíduos modificou-se ao longo da história, passando-se de morte domada, aquela em que há aceitação e familiaridade com a morte, para a morte distante-próxima, em que o indivíduo passa a perceber que a finitude finaliza um ciclo de convivências e realizações, o que o faz evitá-la. No entanto, apesar da dificuldade de aceitação da morte na Modernidade, restou claro que não pensar sobre ela não evita o seu acontecimento, uma vez que é uma condição humana inerente.

A partir das explanações sobre o existencialismo de Heidegger e Sartre, sobretudo do último, constatou-se que pensar sobre a morte é refletir sobre a própria existência humana e seu caráter finito, que proporciona novas perspectivas na maneira de sentir, pensar e agir, uma vez que compreender a existência antecede a essência humana, ou seja, é a partir da consciência de nossa existência que escolhemos, em um contexto de liberdade, quais ações tomamos na vida prática.

Ademais, ao apontar reflexões sobre essas possíveis escolhas, percebeu-se que os indivíduos tendem a escolher valorizar a felicidade, a necessidade de satisfação e a cessação de qualquer sofrimento. No entanto, ao procurar o viver leve para evitar o sofrimento, as pessoas acabam encontrando um modo de viver com intensa preocupação em relação ao inevitável e às variadas formas de serem atingidas, o que proporciona a falta de liberdade de escolha frente ao não morrer, gerando angústia e medo.

Além disso, os desafios são ainda maiores quando se trata da esfera social frente ao morrer, pois os indivíduos são leais aos sistemas de significação simbólica presentes na sociedade, já que estes transmitem segurança e afastam os sentimentos negativos frente ao inevitável. Isso faz com que os modelos internalizados de poder sejam reafirmados, mantendo as pessoas, ao longo da vida, dependentes deles.

Portanto, conclui-se, a partir do referencial teórico apresentado, que a consciência da finitude ao longo da trajetória da vida é um movimento necessário à condição humana, pois possibilita a constituição do sujeito enquanto ser individual e social. Assim, a morte deve ser encarada como exercício de autoconhecimento para uma vida terrena propícia à felicidade.



## REFERÊNCIAS

- AQUINO, T. A. A.; AGUIAR, A. A.; VASCONCELOS, S. X. P.; SANTOS, S. L. Falando de morte e da finitude no ambiente escolar um estudo à luz do sentido da vida. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Paraíba, v.34, n.2, p. 302-317. 2014. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932014000200004&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141498932014000200004&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 10 jan. 2021.
- BARBOSA, L. N. F.; FRANCISCO, A. L.; EFKEN, K. H. Morte e vida: a dialética humana. **Aletheia**, Canoas, n. 28, p.32-44, dez. 2008. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S14130394200800020004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14130394200800020004). Acesso em: 10 jan. 2021.
- BARBOSA, P. V.; NEUMANN, A. P.; ALVES, C. F.; TEIXEIRA, M. A. P.; WAGNER, A. Autonomia, Responsividade/Exigência e Legitimidade da Autoridade Parental: Perspectiva de Pais e Adolescentes. **PEPSIC**. Porto Alegre, v.22, n.1, p.23-34, jan.-abr. 2017. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141382712017000100023](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141382712017000100023). Acesso em: 10 jan. 2021.
- BECKER, E. **A negação da morte**. Tradução de Otavio Alves Velho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.
- COLÉGIO PRÁXIS. Existencialismo: Heidegger e Sartre. In: **Filosofia**, p. 1-14. Disponível em: <https://colegiopxsflamboyant.com.br/AtividadesExtras/36.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- COMBINATO, D. S.; QUEIROZ, M. de. Morte: uma visão psicossocial. **Estudos de psicologia**, Natal, v. 11, n. 2, p. 209-216, 2006. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2006000200010&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413294X2006000200010&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 12 fev. 2021
- CORREA, M. R.; HASHIMOTO, F. Finitude, envelhecimento e subjetividade. **Revista Kairós**. São Paulo, v.15, n.12, p.85-99, ago. 2012. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/17038/12644>. Acesso em: 12 fev. 2021
- COSTA, D. T.; GARCIA, L. F.; GOLDIM, J. R. Morrer e morte na perspectiva de residentes multiprofissionais em hospital universitário. **Revista Bioética**. Porto Alegre, v.25, n.3, p. 544-553, dez. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bioet/v25n3/1983-8042-bioet-25-03-0544.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021
- DANTAS, J. B. O desafio de ser mortal: um ensaio sobre a questão da morte na atualidade. **PEPSIC**. Rio de Janeiro, v.10, n. 3, p.898-910, dez. 2010. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S180842812010000300016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812010000300016). Acesso em: 10 mar. 2021.
- GIACOMIN, K. C.; SANTOS, W. J.; FIRMO, J. O. A. O luto antecipado diante da consciência da finitude: a vida entre os medos de não dar conta, de dar trabalho e de

morrer. **Ciência e Saúde Coletiva**. Belo Horizonte, MG v.18, n.9, p. 2487-2496, set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n9/v18n9a02.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021

GUIMARÃES, I.; CARNEIRO, M.H. S. Envelhecimento e finitude – qual a representação da morte?. **Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento**. Porto Alegre, v.17, n. 1, p. 7-18, jun. 2012. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/19734/23185>. Acesso em: 12 fev. 2021

GUTIERREZ, D. M. D.; MASCARENHAS, S. A. N.; SILVA, G. C. R. F. Diálogos Bourdieu - Piaget: implicações para a Psicologia. **Psicologia, Ciência e Profissão**. Brasília, v.33, n.1, p.74-83, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v33n1/v33n1a07.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021.

Kubler-Ross, E. **Sobre a morte e o morrer**. Rio de Janeiro: Editora Martins Fontes, 1985.

LANGARO, F.; SCHNEIDER, D. R. Possibilidade do ser diante do adoecer e da morte. In: ANGERAMI, V. A, (Org.), **A Psicologia da Saúde na Prática - Teoria e Prática**. São Paulo: Artesã, p.205-218, 2019.

REZENDE, L. C. S.; GOMES, C. S; MACHADO, M. E. C. A finitude da vida e o papel do psicólogo: perspectivas em cuidados paliativos. **Revista Psicologia e Saúde**, Belo Horizonte, MG, v. 6, n. 1, p.28-36, jun. 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rpsaude/v6n1/v6n1a05.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2021

SANTANA, R. B. Autonomia do sujeito: as contribuições teóricas de G. H. Mead. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. Brasília, v. 25, n.4, p. 467- 477 out-dez 2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010237722009000400002](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010237722009000400002). Acesso em: 12 fev. 2021

SARTRE, J. P. **Questão de método**. São Paulo: Abril Cultural, 1978a.

SARTRE, J. P. **O existencialismo é um humanismo**. São Paulo: Abril Cultural, 1978b.

SCHRAMM, F. R. Morte e finitude em nossa sociedade: implicações no ensino dos cuidados paliativos. **Revista Brasileira de Cancerologia**. Rio de Janeiro, v.48, n.1, p. 17-20, jan-mar 2002. Disponível em: [http://www1.inca.gov.br/rbc/n\\_48/v01/pdf/opiniao.pdf](http://www1.inca.gov.br/rbc/n_48/v01/pdf/opiniao.pdf). Acesso em: 12 fev. 2021

SCHNEIDER, D. R. **Sartre e a psicologia clínica**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/187669/Sartre%20e%20a%20psicologia%20cl%C3%ADnica%20ebook.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 12 fev. 2021.